



REDES TÉCNICAS NA REESTRUTURAÇÃO DO TERRITÓRIO LATINO-AMERICANO: considerações sobre as políticas da IIRSA na América do Sul¹

Jodival Maurício da Costa²
Gutemberg de Vilhena. Silva³

RESUMO

Território e redes técnicas formam uma base analítica bastante pertinente para investigar reestruturações territoriais ora em curso na América do Sul. Os rearranjos analisados no presente trabalho estão pautados na Integração de Infra-estrutura Regional Sul-Americana (IIRSA), sendo que os resultados atuais com as articulações das redes técnicas são bastante desanimadores para a sociedade sul-americana, tendo em vista que, após análise da cartilha e de trabalhos reflexivos sobre a IIRSA, nota-se que a discussão está fundamentalmente nas mãos de uma minoria, e os resultados direcionados principalmente para grandes empresas.

Palavras-Chave: Redes Técnicas. Reestruturação Territorial. IIRSA.

ABSTRACT

Territory and nets techniques form an analytical base sufficiently pertinent to investigate territorial reorganizations in course in the South America. The rearrangements analyzed in the present work are ruling in the Integration South American Regional (IIRSA) Infrastructure, and the current results with the joints of the nets techniques are sufficient discourage for the South American society, in view that, after analysis of hornbook and reflective works about IIRSA, notice that the quarrel is basically at the hands of a minority, and the results directed mainly for great companies.

Keywords: Nets Techniques. Territorial reorganization. IIRSA.

1.INTRODUÇÃO

Território é uma categoria analítica bastante recorrente na atualidade, sendo que um processo de sua reestruturação em movimentos da globalização é demasiadamente visível. Por outro lado, redes de articulações são montadas, desmontadas e remontadas com objetivo maior de favorecer um “enlace internacional” para dinâmicas comerciais. Ambos os cenários aqui traçados estão atingindo a América do Sul de forma bastante acentuada. Nosso escopo no presente ensaio é tecer comentários sobre a Integração de Infra-estrutura Regional Sul-Americana – IIRSA - que se apresenta dentro das reflexões aqui traçadas.

¹ Trabalho vinculado ao eixo “Blocos Econômicos e a Questão Latino-Americana” como Comunicação Oral.

² Geógrafo pela UFPA, especialização em Gestão e Manejo Ambiental pela UFLA (MG) e atualmente Mestrando em Geografia (Análise Territorial) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

³ Geógrafo e atualmente Mestrando em Geografia (Análise Territorial) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

2. MATERIALIDADE DO ESPAÇO: o território

De acordo com Costa et al. (2006), território e espaço⁴ são atualmente categorias analíticas de muita importância para as ciências sociais, e carregam diversas concepções, podendo-se notar inclusive o descuido por parte de alguns pesquisadores de as utilizarem até como sinônimos. Raffestin (1993) coloca que o espaço é anterior ao território, pois o primeiro é uma condição para a existência do segundo. Um espaço passa a se constituir como território a partir do momento em que um ator (Estado, empresa, mercado, sociedade civil, tribos indígenas, movimento punk e assim por diante) manifesta a intenção de dele (espaço) se *apropriar*, e passa a exercer poder⁵, fazendo com que esse espaço passe a se organizar segundo a lógica para ele pensada. Nesse aspecto, o território deve ser entendido como o produto da apropriação/dominação do espaço através dos mais variados atores a constituírem poder sobre ele.

Com efeito, ocorre um processo de territorialização⁶ do espaço, o que permite dizer que o território é a tomada do espaço por meio do exercício do poder. Neste caso, não só o poder do Estado é significativo, pois outros atores também o exercem na organização e reestruturação do território (CASTRO, 2005; RUCKERT, 2006). Dado isto, de uma ou de outra forma território está relacionado a apropriação, domínio, identidade, pertencimento, demarcação, separação (HEIDRICH, 2004, p. 3).

Como um espaço apropriado pelas relações de poder (RAFFESTIN, 1993), o território torna-se uma arena de conflitos em áreas delimitadas onde estão os agentes de gestão territorial, na figura dos controladores do poder, cuja primazia é a busca de desenvolvimento, ou mesmo e pelo menos, crescimento de seu tecido produtivo. Este mesmo território passa constantemente por mutações provocadas pelos atores nele territorializados. Dessa forma, são os usos desse território que irão defini-lo (SANTOS, 2004) e sua constante reestruturação vai depender dos interesses nele projetados. Atualmente, com a busca voraz de maiores dinâmicas comerciais, é de extrema importância que as redes técnicas tenham um papel de destaque nas abordagens analíticas quando se procuram entender enlaces internacionais.

⁴ Aqui tratado com um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações imbricados e regidos por um campo vasto de diversas normas (Santos, 2004).

⁵ Cf. Poder em Raffestin (1993) e Castro (2005).

⁶ O território é apropriado e posteriormente irá ocorrer nele as relações sociais do grupo que apropriou. Para essas relações dá-se o nome de territorialidades.

3. REDES TÉCNICAS PARA CONSTRUÇÃO DE ENLACES INTERNACIONAIS

De acordo com Dias (2005), o estudo das redes técnicas tem ganhado força nas últimas décadas, passando a ocupar grande importância nas análises que buscam compreender o processo de circulação de mercadorias e de capital através das redes de infra-estrutura, telecomunicação, de energia, bancária, e tantas outras. Por outro lado, as redes técnicas constituem uma ferramenta de análise indispensável para a compreensão da organização / reestruturação do territorial no mundo contemporâneo. Importa lembrar que embora a noção de rede fosse usada desde a antiguidade clássica, ganhando mais significado nas idéias de Saint-Simon no século XIX, Musso (2003; 2004) e Ueda (2002) afirmam que somente a partir da década de 70 do século XX é que a rede começa a ganhar força nas ciências sociais.

Em termos absolutos, pode-se dizer que uma rede técnica é um artefato que ao ser implantado no território tem o objetivo de conectar pontos para possibilitar entre esses pontos a circulação dos fluxos. Porém, essa definição não é suficiente, pois ela não pode ser vista apenas como um artefato materializado no território. Musso (2004, p. 22) coloca que *“a rede é objetivada como matriz técnica, infra-estrutura itinerária, de estrada de ferro ou de telegrafia, modificando a relação com o espaço e com o tempo”*. Latour (1994) e Santos (1999) afirmam que as redes devem sempre ser consideradas em dois aspectos: pelo material e pelo social, onde o primeiro caracteriza-se pela estrutura física, ao artefato materializado no espaço; enquanto o segundo é determinado pelas relações sociais e políticas que adquirem determinado valor e significado.

Ao afirmar que as redes são materiais, mas também são políticas e sociais, os autores demonstram a preocupação em não pensar a rede desvinculada dos interesses econômicos e políticos, uma vez que quando as redes técnicas se implantam, materializam-se também as relações de poder; pois nelas circula mercadorias, pessoas, informação. Assim, juntamente com as linhas físicas das redes, atuam as linhas do poder-redes na reestruturação do território.

Nessa perspectiva, Forget & Polycarpe (1997) colocam que o processo de apropriação/dominação do espaço tem ocorrido de forma cada vez mais intensa por meio da reticulação espacial. Isso implica conceber que o processo de transformação do espaço em território, se dá cada vez mais sob a égide das redes técnicas, constituindo o território em redes (DUPUY, 1998 e SILVEIRA, 2003). Nessa lógica, o território em redes, ao mesmo tempo em que homogeneiza o espaço para possibilitar os fluxos que interessam a determinados atores, também revela uma fragmentação cada vez mais acentuada (FORGET & POLYCARPE, 1997; VELTZ, 1999) e tende a excluir grande parte da sociedade

que não apresente papel como protagonistas nestes espaços da globalização, mesmo que sejam afetados.

As reflexões aqui apresentadas de reestruturação do território e da articulação de redes técnicas no mundo contemporâneo são bastante visíveis no contexto Sul-Americano, cujo movimento em torno da IIRSA tem demonstrado a validade para as afirmações aqui postas.

4.O PROTAGONISMO DA IIRSA⁷

A IIRSA configura-se como redes técnicas articuladas abarcando um sistema de logística entre os países signatários. Iniciou com reunião de presidentes da América do Sul realizada na cidade de Brasília no ano de 2000, em que foi acordada a realização de ações conjuntas para impulsionar, segundo ela, “o processo de integração política, social e econômica neste sub-continente, incluindo a modernização da infra-estrutura regional, e ações específicas para estimular a integração e desenvolvimento de áreas isoladas”(Tradução Nossa). A Figura 1 mostra os vários eixos de integração Sul-Americana.



Figura 1 – Eixos de integração na América do Sul

Fonte: www.iirsa.org

Na área de transportes se pretende integrar diferentes modalidades (marítima, fluvial, rodoviária, ferroviária e aérea) com o objetivo de encurtar distâncias e diminuição do

⁷ As informações que não forem citadas as fontes tem como base considerações analíticas em torno dos documentos disponibilizados no site oficial da IIRSA, www.iirsa.org.

tempo para o transporte de mercadorias. Por outro lado, tem-se o setor energético, que preconiza garantir o suprimento necessário à expansão de atividades econômicas que contarão com o apoio de diferentes governos com as indústrias eletrointensivas, de produção de alumínio, e tantas outras, aliado a uma forte inserção no mercado internacional. Em decorrência disso, se prevê a construção de diversas hidroelétricas, de gasodutos e algumas pontes de caráter binacional que poderão articular a América do Sul. No que diz respeito a telecomunicações, a idéia é instalar modernos equipamentos que possibilitem maior velocidade na circulação de dados, instalação de cabos de fibra ótica para potencializar o uso da Internet, e redes de telefonia celular e Tv digital em alguns pontos do território sul-americano. A Tabela 1 mostra investimentos preconizados para os vários eixos de articulação da IIRSA.

Tabela 1 – Eixos, projetos e investimentos nas Redes Técnicas

Eixos de Integração e Desenvolvimento	Nº de Grupos	Quantidade de Projetos	Investimentos (Milhões de Dólares)
Andino	11	74	5000
De Capricornio	4	34	2000
Do Amazonas	6	44	2000
Do escudo das Guianas	4	32	370
Do Sul	2	21	1100
Interoceânico central	5	44	3300
Mercosul-Chile	5	68	12100
Perú-Brasil-Bolívia	3	18	11600
Total	40	335	37470

Fonte: www.iirsa.org

Nesta Tabela 1 é visível a relação desigual de investimentos para cada eixo de integração. A que possui um capital maior é o eixo do Mercosul-chile, mesmo com o Mercosul já tendo bastante investimentos a ele destinado pelos países signatários do bloco regional. Por outro lado, o escudo das Guianas, considerado por Brasil (2005) como parte de um grande arco indígena, tem os menores investimentos totais da proposta, representando menos de 1% de sua receita. Além disso, importa ressaltar que existem profunda assimetria entre enlaces econômicos e enlaces sociais. Na leitura da cartilha da IIRSA fica claro que o escopo maior da integração é preocupação com fluidez comercial, sem demonstrar muita preocupação com o Ambiente e quase nenhuma com populações tradicionais de vários pontos da América do Sul.

4.1 Um protagonismo com implicações marcadamente desiguais entre o econômico e o social

Como dito, a proposta é claramente direcionada ao mercado, sobretudo de grandes corporações, tendo em vista que os proponentes argumentam em suas justificativas que é preciso reduzir ao mínimo as barreiras internas ao comércio, os gargalos na infraestrutura e nos sistemas de regulação e operação que sustentam as atividades produtivas de escala regional. Para o proponentes, *“a visão Sul-Americana como uma só economia permite reter e distribuir uma maior parte dos benefícios do comércio na região e proteger a econômica regional das flutuações nos mercados globais”*. Acrescente-se a esta análise que *“a provisão destes serviços de infra-estrutura busca promover o desenvolvimento de negócios e cadeia produtiva com grandes econômicas de escala ao longo destes eixos, bem seja para o consumo interno da região ou para a exploração dos mercados globais”*. As citações deixam claro alguns dos reais objetivos da IIRSA.

Diferente do que apregoam os defensores da IIRSA, esta não possui uma visão integral de desenvolvimento, pois tal estratégia não relega dimensões importantes da vida social, como os direitos humanos, o fortalecimento das instituições democráticas e o respeito à diversidade cultural, entre outras questões.

5. CONCLUSÃO

É evidente que com as articulações da IIRSA está ocorrendo um processo de reestruturação territorial em que redes técnicas são requeridas para favorecer a dinamização comercial entre os pontos conectados neste “enlace internacional”. Na lógica organizada pela IIRSA, não fica claro como as sociedades locais, extremamente afetadas pelas articulações, serão atingidas positivamente. Existe muita conjectura, mas pouco se tem de claro neste sentido.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Proposta de reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Ministério da Integração Nacional, Secretaria de Programas Regionais, Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005. Disponível em <http://www.integracao.gov.br/publicacoes> .

CASTRO, I. E. **Geografia e Política**: Território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COSTA, Jodival M. et al. O Direito ao Território: complexidades da exclusão sócio-espacial do morador de rua. In: V Seminário Internacional de Estudos Urbanos e VI Latino-Americano de Qualidade de Vida. Belo Horizonte: PUCMG, 2006.

DUPUY, Gabriel. La respuesta del urbanismo clásico. In: El urbanismo de las redes. Teorías y métodos. Paris: Armand Colin Editeur, 1992. Barcelona: Oikos-tau, 1998. p. 71-119.

FORGET, Philippe. POLYCARPE, Gilles. A Rede e o Infinito. Ensaio de Antropologia Filosófica e Estratégica. Lisboa: Instituto Piaget, 1997

HEIDRICH, Á. L.. **Território, integração sócio-espacial, região, fragmentação e exclusão social**. 2004 <http://www.ufrgs.br/labs/Artigos/Alva/Territorio%20Inclus%E3o.pdf>

LATOUR, B. **Jamais Fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 17- 38. Janeiro, 2002.

MUSSO, Pierre. Réseaux et Societé. Paris: PUF, 2003.

RAFFESTIN, C. e. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993

SANTOS, M.. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

SILVEIRA, Rogério L. da. Redes e Território: uma breve contribuição geográfica ao debate sobre a relação sociedade e tecnologia. In: Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona. V. VIII, n. 451, 15 de junio de 2003.

UEDA, Vanda. Innovación tecnológica y cambio social: Agentes y estrategias en las redes de telecomunicaciones en Rio Grande do Sul, Brasil. Tesis para optar al grado de Doctor em Geografia Humana. Universidade de Barcelona: Barcelona, junio de 2002.

UEDA, Vanda. Inovação Tecnológica e espaço urbano: a implantação da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência em Pelotas/RS. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geociências do CFCH/UFSC. Florianópolis, 1998.

VELTZ, Pierre. La polarización: hechos, imágenes, teorías. In: Mundialización, ciudades y territorios. Barcelona: Ariel, 1992 p.53-80.

<http://www.comciencia.br/200404/entrevistas/entrevista2.htm>